

# CARÁTER

RUBEM BRAGA

Um amigo chegou de Londres e, como todo amigo que passa alguns anos fora, ele se espanta com o Rio. Ele viajou por vários países por onde a guerra passou, e disse que a sua primeira impressão foi de que o Rio era uma cidade sitiada e bombardeada. A princípio — me disse — ficou patrioticamente li-sonjado: essa impressão vinha das demolições e das construções, dessa anarquia de crescimento de uma cidade cheia de vigor. Mas depois, à medida que foi entrando em contacto com a vida de todo dia, esse optimismo se mudou em frio desespero.

Ele sentiu o drama das ruas atravancadas, e sentiu que não adianta por a culpa no estrangulamento topográfico quando ela pertence à incúria e à imprevisão dos homens. Foi visitar nosso amigo, Calini, no Leblon, e o achou desolado, com dois meses de falta d'água no apartamento. Pediu o número do telefone a outro amigo, e ouviu dele que há 4 anos e meio espera em vão um aparelho. E aos poucos, foi sabendo a verdade, foi participando do drama de um grande centro urbano com serviços públicos de aldeia. A energia, racionada. Uma dourada indiferença das autoridades por todas as desidias da Licht, em franco regime de pistolão para os poderosos e de gorjeta para os humildes. Expliquei-lhe que estou tentando, há mais de um mês, me mudar para um apartamento — e apesar de protestos de simpatia de um "big

shot" da empresa, o edificio não tem gás, e a luz é provisória, o telefone é um mito. No guichet da Companhia um funcionário informa, com um sorriso de pena, que é muito cedo para cuidar de contrato: o gás só será ligado daqui a dois meses... Engana-se, o manganão. Os homens já estão trabalhando: passei por eles, e fui competentemente estabelecido na verba "para a cervejinha". Depois que o edificio tiver gás encetarei a campanha para que ele chegue ao meu apartamento. "Isso é fácil" — diz o homem do guichet: mais uns cinco dias... Meu amigo Paulo Mendes Campos me aconselha o que fez: o suborno direto da turma encarregada de instalar. Nos altos e nos baixos da Companhia a linguagem difere, mas a moralidade é a mesma, a bagurça é a mesma. O presidente da Telefônica me diz que "para passar na frente dos outros" eu preciso de ordem da Prefeitura ou do Catete. Mas eu mesmo já vi uma ordem do Prefeito sabotada longamente, pacientemente, cínicamente, por um funcionário qualquer. O edificio defronte ao meu está funcionando há dois meses ou mais, e a ligação elétrica é a mesma do tempo da construção: quando alguém sobe no elevador a luz pisca, o rádio ronca, a imagem da televisão muda-se em listas negras.

Meu amigo espanta-se com essas histórias, como se espanta com o "chauffeur" que tranquilamente, ao mostrar a sua carteira pedida pelo guarda, põe uma nota de dez cruzeiros dentro. A fiscalização de nossos serviços públicos e da própria administração ainda está na fase mais primitiva e cândida: estamos todos nos braços múltiplos de uma "holding" cheia de advogados bem falantes e bem pagos, ineficiente, anarquizada e incansavelmente ebria; e quando deixamos o guichet da Licht para o de alguma repartição pública, quase sempre a desatenção é a mesma: o compadrismo, o suborno, a "bola", o pistolão, a burocracia kafkiana...

Esse dono de restaurante do qual me contaram — e eu pessoalmente constatei — que furta sistematicamente 1 cruzeiro de cada freguês, e assim, como confidenciou a um amigo, paga o aluguel da sala — esse homem deveria ser inscrito do Livro de Mérito como um padrão de honestidade, um modelo de modéstia e desambição, o herói de uma cidade "sem nenhum caráter".